

Muitas certezas na economia

Tudo indica que a economia se manterá incólume à crise política

Desde que surgiu a primeira denúncia no caso dos Correios envolvendo o deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) passei a acompanhar com muita atenção o risco Brasil e os demais indicadores.

Quando o deputado concedeu entrevista, atirando para todos os lados, não me restavam dúvidas de que, naquele mesmo dia, os indicadores econômicos ficariam sobresaltados. Mas, para minha surpresa, permaneceram comportados até demais. Pensei: nos próximos dias, quando a situação piorar, o mercado vai enfim ficar nervoso.

Pois bem, espero até hoje esse momento em que a crise política sem precedentes por que passamos vai contaminar a economia. Já estou me cansando. É bom ficar claro que nunca torci pela piora da economia. Não compactuo com os pessimistas. Apenas não acreditava que fosse possível um descolamento entre política e economia.

E por que, dessa vez, a economia não foi contaminada? Existem fatores objetivos e alguns subjetivos:

A relação dívida/PIB, que ultrapassou os 62% no auge da crise de confiança em 2002, agora está beirando os 50%, com tendência clara de queda.

O superávit da balança comercial não pára de bater recordes, apesar de o real estar tão sobrevalorizado. O engraçado é que o superávit aumenta a cada mês e o dólar vem caindo ainda mais. É mágica? Não

creio. Já não acredito em mágicas há muitos anos.

O que vem acontecendo chama-se ganho de produtividade. Nossas empresas estão muito competitivas e ganham mercado dia a dia. O cenário para exportação é o pior possível: dólar em níveis de fevereiro de 2002, portos e estradas que não contribuem em nada para o escoamento da produção e juros proibitivos à atividade produtiva. Imagine de quanto seria o saldo da nossa balança

Hoje, mesmo sem a renovação do acordo com o FMI, temos reservas suficientes para resistir a possíveis especulações

se as condições fossem menos piores. Nem digo favoráveis!

Outro fator para a não-contaminação da economia é o controle da inflação. Está muito claro que o Banco Central não vai se descuidar da inflação. Ao contrário, vem chegando ao extremo do conservadorismo para acertar o centro da meta estipulado. O que dá garantia aos investidores de que os preços seguirão estáveis e de que nada vai interferir em suas políticas, mesmo que desagrade grande parte da sociedade.

Mas de todas as armaduras de que se reveste a economia talvez a mais importante seja o nível de reservas do País. Hoje, mesmo sem a renovação do

acordo com o FMI, temos reservas suficientes para resistir a possíveis especulações.

Citei também algumas questões subjetivas que fariam diferença neste momento. A primeira é o fato de existir muita liquidez internacional.

Uma segunda, ainda mais subjetiva, é o fato de um governo de esquerda estar no poder há quase três anos e não ter havido nenhuma ruptura. Já se notou no País que, independentemente de ideologia, a economia tem sua trajetória muito bem definida e cada vez mais ortodoxa.

Muita gente vem dizendo que uma hora a crise política vai acabar respingando na economia. Mas é importantíssimo ressaltar que o primeiro impacto é sempre sentido no mercado financeiro. As crises que contaminam o setor produtivo são iniciadas primeiro no mercado, com a elevação da percepção de risco do País. E isso não aconteceu, ao menos até agora. E não me parece que vá acontecer. Então por que tanta certeza de que haverá uma crise na economia real?

A economia finalmente está descolada da política. Pode ser que tudo mude no futuro, mas eu não apostaria minhas fichas num cenário negativo. O cenário será de incertezas políticas, mas de muitas certezas na economia. Aposto num cenário de contínuo desenvolvimento.

* Vice-presidente da Federação Nacional das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimento (Fenacrefi).